

Reflexão espiritual

A consciência como caminho de expansão

Por Priscila Araújo Moreira

Introdução: quando o insight se abre

Ecoa em mim uma coisa desde ontem. Não é exatamente nova. É um território conhecido, quase óbvio e simples, mas, de repente, as partes se juntaram e aquilo se abriu diante de mim como um vasto oceano, familiar e desconhecido ao mesmo tempo.

Pensamento, sentimento e materialização

A linha que se fez clara para mim é esta, e eu sigo nela: o pensamento abre possibilidades, o sentimento encarna uma delas, a ação sustenta, a entrega solta o controle e a presença permite viver a experiência.

Na linguagem espiritual que uso aqui, o pensamento imagina e o sentimento dá corpo à possibilidade por dentro. Para que algo aconteça na vida, há também ação, circunstâncias e limites que não controlo.

Pela mente que organiza e racionaliza, talvez por meio do próprio ego, eu posso deliberadamente me permitir entrar em fluxo e visualizar as realidades que escolho viver. Ao criá-las dentro de mim, abro para o Ser a possibilidade de experimentá-las.

Quanto mais livre e imaginativa eu sou, mais criações e possibilidades consigo acessar. Talvez infinitas. E, no meu caso, quase sempre visuais.

Tudo bem que seja assim. Esse é o modo de ser do veículo que a centelha está utilizando. É a maneira como ele percebe, traduz e cria nesta dimensão.

Mas, para realmente “colapsar” uma dessas possibilidades em experiência material e terrena, usando aqui “colapsar” como uma imagem, como metáfora espiritual, será preciso mais do que apenas enxergá-la.

Nesse nosso “Reino dos Céus” dos despertos, iluminados, seguidores da luz e afins, talvez o movimento seja olhar para uma dessas infinitas possibilidades e SENTIR a experiência daquela possibilidade já realizada.

Talvez a meditação possa me ajudar a explorar esse encontro: silenciar parte do ruído para perceber a imagem e o que sinto diante dela, sem exigir que isso produza um acontecimento externo.

E sentir não é obrigar o corpo a acreditar, expulsar o medo ou negar a realidade presente. É permitir que o corpo experimente, ainda que por instantes, aquela possibilidade como verdadeira e possível.

Porque esse sentir não pode ser fabricado pela razão. Ele precisa nascer do fluxo, do mesmo lugar que acessa as possibilidades.

O papel do ego e a prática da entrega

Então, o ego, ou a mente racional, cumpre sua função: organiza, nomeia e traduz aquilo que o Ser reconhece como vontade do Todo. Depois, deliberadamente, solta.

Solta a forma, o prazo, o caminho e a necessidade de controlar. Deixa espaço para o que ainda não compreendemos e para as condições que uma possibilidade precisa encontrar antes de se tornar experiência.

Isso não significa passividade. Possibilidade não é destino. Entre aquilo que eu imagino e aquilo que efetivamente vivo existem escolha, corpo, coragem, ação, oportunidade, tempo e mistério.

Talvez entregar seja exatamente isso: agir em tudo o que me cabe sem tentar sequestrar a parte que pertence ao Todo.

E, então, o EU SOU experimenta a materialização com alegria e com o olhar curioso de quem vive a experiência e, ao mesmo tempo, torna-se consciente de que está vivendo nesta dimensão.

E isso é expansão.

Nesse lugar existe paz, abundância e a certeza íntima de que a frequência é de Deus. A velocidade e o caminho continuam sendo escolhas, ainda que sejam escolhas reveladas e moldadas dentro de um processo.

O que chamo, nessa linguagem espiritual, de “subir de dimensão” talvez seja depender cada vez menos de rituais rígidos para experimentar presença. Não falo de uma mudança de dimensão física.

Ser o EU SOU: presença encarnada

E aqui está a cereja: eu não posso apenas dizer “EU SOU”. Preciso SER o EU SOU.

Não adianta afirmar a presença sem habitá-la. Não é repetir uma frase até convencer a mente. É encarnar.

E agora fazem sentido a fuga que me atrasa para meditar, as interrupções justamente nos compromissos que ativam o sentir e os contratempos nos passeios de conexão com a energia criadora.

Não porque todo contratempo seja necessariamente um sinal do Universo, mas porque essas situações podem revelar o ponto exato em que alguma parte de mim ainda resiste ao estado que outra parte já reconheceu.

Os personagens da experiência terrena

Ao mesmo tempo, se o propósito é evolução, muitos serão os personagens que nós, atores desta experiência, representaremos ao longo da caminhada.

Liberdade, então, não seria deixar de interpretar papéis. Seria viver com intensidade o papel que o instante presente nos entrega, com presença e inteireza, sem confundir aquele personagem com a totalidade do Ser.

E, quando a peça daquele personagem terminar, manter essa mesma presença para encerrá-la com leveza. Tirar o figurino, agradecer pelo que foi vivido e dar vida a um novo papel com a mesma entrega.

Talvez essa seja mesmo a função do ator no teatro da vida: não escolher ou controlar todas as cenas, mas estar inteiro no papel enquanto ele existe e permanecer livre quando chega a hora de soltá-lo.

O ator permanece; os personagens passam.

Talvez a liberdade seja isso: presença suficiente para viver intensamente e desapego suficiente para deixar cada personagem morrer sem acreditar que o Ser morreu com ele.

Então, talvez subir de dimensão não seja fugir desta experiência terrena. Talvez seja permitir que uma consciência mais ampla atravesse esta experiência por inteiro.

O céu não como um lugar para onde eu vou, mas como um estado que consigo encarnar.

E estou dizendo “experiência terrena”, mas pode ser não terrena também, se isso for possível.

Essa ainda é uma linha de raciocínio muito humana, mas que chegou inteira, em forma de insight.

Campo, matéria e consciência

Encontro uma coerência interna nessa cosmologia pessoal. Ela é uma forma simbólica de pensar a experiência, e não uma descrição científica da matéria. O circuito que imagino é este:

O campo oferece possibilidade. A matéria oferece forma e contraste. O sentimento revela o efeito. A consciência testemunha. O ego nomeia. O Todo integra.

O ajuste essencial é este: o ego continua necessário para discernir, organizar e nomear. O que ele perde é o posto de soberano, a ilusão de controlar o Todo.

Reconhecer essa mudança pode ser vivido como um portal: a dissolução de uma centralidade, não a destruição de quem somos.

E aí começa o luto.

A dissolução da centralidade do ego

Faz muito sentido alguém chegar perto da Toca do Coelho, talvez até colocar os pés dentro dela, e depois regredir. Porque, para o ego, seguir adiante significa reconhecer que o jogo terminou. Não que ele deixará de existir, mas deixará de ocupar o trono.

Quem entra é a Centelha, que é Uma com o Todo.

Nesse estado, talvez nada esteja verdadeiramente escondido, embora quase tudo ainda esteja por ser nomeado.

Nessa imagem, a centelha acessa o campo e vive por sentimento. Mas precisa discernir o que pode ser memória, medo, necessidade ou reação do corpo daquilo que interpreta espiritualmente. Sem transformar qualquer sensação em mensagem nem obrigar o Universo a confirmar o que o ego deseja.

Talvez por isso, nesse lugar, opere o silêncio.

O campo não explica; o campo é.

A explicação começa quando aquilo que apenas É atravessa a matéria, transforma-se em sensação, encontra uma consciência capaz de testemunhá-lo e, finalmente, recebe um nome.

Talvez seja exatamente isso que o Universo esteja expandindo por meio de nós.

O propósito coletivo do Ser seria tornar consciente e nomeável aquilo que, no Todo, apenas É.

Não para aprisioná-lo em palavras, mas para permitir que o Todo se experimente por meio de formas, corpos, encontros, limites, sentimentos e contrastes.

O vazio fértil e o movimento da expansão

O campo oferece a possibilidade.

A matéria pergunta: “O que acontece quando isso ganha forma?”

O sentimento é a resposta.

A consciência observa.

O ego nomeia.

E o Todo passa a conhecer a si mesmo por meio da experiência.

Então, existe espaço porque existe campo.

O espaço é o intervalo necessário para que aquilo que é potência possa ganhar forma. O campo é a vida entregando possibilidade à matéria para descobrir o que nasce quando essa possibilidade é encarnada.

E talvez seja por isso que exista aqui um vazio tão grande.

Mas não é um vazio de ausência. É um vazio anterior à forma. Um vazio fértil, ainda sem nome, sem interpretação e sem história.

É matéria-prima bruta. Ou melhor, é aquilo que existe antes mesmo de se tornar matéria.

A matéria dá corpo ao campo. O sentimento revela o que esse encontro produziu. E a consciência devolve essa experiência ao Todo, agora experimentada, reconhecida e nomeada.

Talvez a expansão seja justamente esse movimento:

O que apenas É torna-se experiência.

A experiência torna-se consciência.

E a consciência retorna ao Todo sabendo algo que antes apenas existia.

É uma ideia intensa, mas profundamente bela.

O destino dos insights e a responsabilidade de soltá-los

E acrescento algo sobre os insights meditativos: quando uma ideia chega com força, sinto vontade de lhe dar forma. Registrar, escrever, compartilhar ou simplesmente reconhecer o que ela moveu em mim. A intensidade de uma percepção, porém, não prova que ela seja inédita ou verdadeira para todas as pessoas.

Talvez eu tenha sido apenas o lugar por onde aquela imagem passou. Posso lhe dar atenção sem me tornar responsável por decifrá-la inteira.

Se escolho um prazo de 48 horas, por exemplo, para registrar ou soltar uma ideia, esse é um recurso pessoal de organização. Não uma lei espiritual, nem um limite depois do qual o Universo cobraria perdas energéticas.

Na minha leitura espiritual, também cabe imaginar que certas buscas atravessem mais de uma vida. Essa possibilidade me inspira; não tenho como apresentá-la como um fato demonstrado.

Dar sentido a uma experiência dolorosa não exige acreditar que ela foi merecida ou necessária. Posso reconhecer o que aconteceu, desejar que tivesse sido diferente e ainda perguntar o que faço com isso agora.

Talvez esteja aí a grande questão: ser o EU SOU que reconhece a própria experiência sem reduzir a ela toda a sua existência.

Assim, a questão não é apenas compreender a experiência, mas habitá-la com presença: reconhecer o que me atravessa, o significado que construo e as escolhas que ainda consigo fazer. É nesse movimento que encontro uma possibilidade de expansão.